

O LOCATIVO *NI* NA FALA SERGIPANA: UMA INTERPRETAÇÃO À LUZ DO CONTATO DE LÍNGUAS

Davi Borges de Albuquerque (UnB/ UFS)¹
Aurelie Marie Franco Nascimento (UFS)²

RESUMO: o presente trabalho analisa o uso do *ni* como locativo (contração da preposição também locativa *em*) na fala sergipana. A análise foi baseada em dados linguísticos coletados na capital e em diferentes municípios do estado, e segue a teoria do contato de línguas. Desta maneira, é abordada também a questão da 'deriva linguística x crioulização' na formação do português vernáculo do Brasil e como o estudo de fenômenos linguísticos específicos, como o emprego do *ni* locativo, podem oferecer argumentos úteis para tal debate. Os fatores que se destacaram na investigação é que o *ni* tem sua provável origem nos locativos de línguas Bantu e aparentemente é um fenômeno da fala de zonas rurais que se propagou para a zona urbana e a capital de Sergipe.

PALAVRAS-CHAVE: língua portuguesa; línguas em contato; Sergipe; preposição; locativo.

ABSTRACT: this paper analyzes the use of *ni* as a locative preposition in Portuguese spoken by the people of Sergipe. The standard locative preposition is *em* and sometimes the is considered correct in Standard Portuguese contracted forms as *na*, *no*, *nas* and *nos*, but not *ni*. This analysis is based on linguistic data collected in the capital of the state and in municipalities of Sergipe, and also it follows language in contact approach. Therefore, the debate of the role of 'language drift x creolization' in the formation of Brazilian Vernacular Portuguese is considered and the contribution of studies of Vernacular Portuguese, such as the use of *ni*. In addition, important facts in our investigation is that probable *ni* has its origin in Bantu languages and it was a linguistic trace of rural speech that expand to urban speech in the capital of Sergipe.

KEYWORDS: Portuguese language; language in contact; Sergipe; preposition; locative.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade de Brasília (UnB). Professor substituto da Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: albuquerque00@hotmail.com.

² Aluna especial do Mestrado em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: aurelie-marie@hotmail.com.

1. Introdução

O português falado em Sergipe ainda permanece pouco estudado, porém os estudos que vêm sendo feitos revelam grande variação linguística nas diferentes regiões do estado e diversas influências do contato de línguas, e variedades linguísticas, entre elas é possível mencionar: situações de contato histórico com povos europeus e africanos, como em Itabaiana, Porto da Folha e Laranjeiras; regiões fronteiriças Sergipe-Bahia e Sergipe-Alagoas, o que faz com que o português falado em municípios limítrofes, como: Poço Verde, Carira e Porto da Folha, apresentem traços das comunidades de fala nas quais o contato linguístico se realiza (ou se realizou); a presença de grandes centros urbanos, a capital Aracaju e os municípios de Lagarto e Itabaiana, contribui para o fenômeno de urbanização de dialetos rurais (Bortoni-Ricardo 2011). Desta maneira, a presente comunicação, baseada em extensa coleta de dados nos seguintes municípios sergipanos: Aracaju, Laranjeiras, São Cristóvão, Estância, Poço Verde, Nossa Senhora Aparecida, Carira, Porto da Folha, Riachão do Dantas e Japoatã, analisará o uso da preposição locativa *ni* e suas variações. Os resultados da análise apontam que o locativo *ni* tem sua origem em línguas africanas e em variedades reestruturadas da língua portuguesa, tanto no Brasil, como na África, o que corrobora com a hipótese do *continuum* afro-brasileiro de Petter (2009). Ainda, um dado notável é que o uso do locativo *ni* é também encontrado nos grandes centros urbanos sergipanos, o que nos leva a interpretação de que tal uso teve origem nas migrações das zonas rurais para as zonas urbanas, assim como possui maior frequência nos falantes menos escolarizados.

2. Estudos do português do Brasil

Os estudos da língua portuguesa falada nos diferentes estados do Brasil vêm aumentando de maneira significativa nos últimos anos, principalmente por causa do debate 'crioulização x deriva' em relação à gênese do português brasileiro, e das contribuições da dialetologia às diferentes áreas da linguística, como: história da língua, sociolinguística, descrição e análise linguísticas, entre outras.

Dentre os muitos estudos e projetos tanto completos, quanto em andamento, destacamos apenas alguns que servem como referência das diferentes regiões do país: Bisol e Brescancini (2002), uma das várias publicações ligadas ao

projeto *Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil* (VARSUL); Oliveira e Silva e Scherre (1996), publicação sobre o português falado no Rio de Janeiro do *Programa de Estudos sobre o Uso da Língua* (PEUL); Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009), resultado do *Projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia*, que pesquisou o português falado na região rural da Bahia, assim como em comunidades ex-quilombolas tanto da Bahia, como de Minas Gerais e Espírito Santo. Ainda, podemos citar os projetos de atlas linguísticos, tanto o *Atlas Linguísticos do Brasil* (ALiB) cuja última publicação foi Aguilera, Isquardo e Altino (2009), como os atlas linguísticos dos diferentes estados. O atlas linguístico de Sergipe, de interesse para nossa pesquisa, foi publicado uma versão prévia (Ferreira et al. 1987) que seguiu a metodologia do *Atlas prévio dos falares baianos* (APFB) (Rossi, Ferreira e Isensee, 1963) e, posteriormente, a segunda versão mais atual e acurada (Cardoso 2005).

Desta maneira, com exceção dos atlas mencionados acima, o estudo do português falado em Sergipe ainda se encontra em estágio inicial, quando comparado aos projetos que estão em andamento em relação aos demais falares do português brasileiro. O presente trabalho pretende fazer apenas uma contribuição singela, diante da necessidade do que necessita ser feito, ao analisar o uso de *ni* como preposição locativa no português falado em Sergipe. A coleta de dados seguiu a metodologia laboviana (Labov 1972), considerando faixa etária (20 – 40 anos, 40 – 60 anos, acima de 60 anos), escolaridade (ensino fundamental incompleto, ensino fundamental completo, ensino médio incompleto e ensino médio completo) e sexo (masculino – feminino), assim como foi realizada em diferentes municípios do estado, compreendendo zonas urbanas e zonas rurais.

Atualmente, sabe-se que as variedades da língua portuguesa faladas em Sergipe revelam fenômenos linguísticos notáveis, que até mesmo os próprios falantes desse estado são capazes de percebê-los e acabam por classificá-los como típicos de alguma região, ou algum município. Na história de Sergipe, há diferentes regiões do estado que sofreram diversas influências do contato de línguas, sendo este uma das principais causas do surgimento da variação linguística encontrada, entre essas situações de contato, é possível mencionar as seguintes: situações de contato histórico com povos europeus e africanos, como em Itabaiana, Porto da Folha e Laranjeiras; regiões fronteiriças Sergipe-Bahia e Sergipe-Alagoas, o que faz com que o português falado em municípios limítrofes, como: Poço Verde, Carira e Porto da Folha, apresente traços das comunidades de fala nas quais o contato

Assim, os verbos *tihuma* 'sair' e *tinghena* 'entrar' recebem obrigatoriamente a marca morfológica de movimento e percurso *-a*, também vêm acompanhado do complemento *kerekeni* 'na igreja', indicando a direção, formado com a presença do sufixo locativo *-eni* ~ *-ni*, que é de nosso interesse aqui. Ainda, algumas LBs apresentam semelhança entre o locativo direcional e o locativo situacional, como na língua Tonga, que possui o mesmo sufixo da língua Changana *-ni*, porém este pode ser usado como um locativo situacional ou um sufixo direcional, de acordo com Oliveira (2005), seguem exemplos da língua Tonga extraídos de Ngunga (2004: 139):

3. Libuku lomo aba badera-**ni**
'o livro está na cadeira.'
4. Athu anodowa omunda-**ni**
'as pessoas vão à machamba.'

Desta maneira, pode-se perceber facilmente uma semelhança fonológica, assim como semântica entre o sufixo *-ni* das línguas bantu e a preposição lusófona 'em'. Gonçalves e Chimbutane (2004: 21) levantam a hipótese de que os aprendizes de português, falantes de L1 de origem banta, acabam por associar ambas as formas para a mesma função, gerando uma ambiguidade na língua alvo/ L2, neste caso, sendo a língua portuguesa, que ocorre somente por causa da gramática da L1 em que o aprendiz se baseia.

É possível, então, apontar duas fases na aprendizagem da língua portuguesa por esses falantes. Na primeira fase (fase 1), a preposição 'em' é interpretada pelos falantes como um simples marcador de situação e que a preposição 'para' é que acaba por preencher o vazio deixado pela ausência de uma preposição locativa e/ou direcional, conforme os exemplos (Gonçalves e Chimbutane 2004: 23):

5. Levaram **para lá na** igreja.
6. Voltou **para no** Maputo.

Como pode ser visto acima, a presença de construções com duas preposições no PM apenas reitera o que já foi dito, sendo somente em uma segunda fase (fase 2) que os falantes de PM acabam por interpretar a preposição 'em' como locativa e 'para' como direcional, diferenciando-as.

Conforme já foi apontado por estudos históricos, como (Alencastro, 2000), e por estudos linguísticos (Lucchesi, Baxter e Ribeiro, 2009) Petter (2007, 2009) Holm (2009), a presença africana no Brasil foi intensa e longa, o que acabou por deixar uma série de influências culturais, sociais e linguísticas, principalmente no PB. De acordo com a nossa análise e com as evidências linguísticas encontradas, a preposição locativa *ni*, encontrada em algumas variedades do PB, tem sua origem em línguas bantu e é provavelmente um resquício de uma variedade crioula ou pidginizada do português falada em regiões específicas do Brasil, provavelmente a costa baiana e sergipana da atualidade, que na época do Brasil colonial foi porto de entrada de uma grande quantidade de escravos africanos. Ainda, outro fato que corrobora nossa análise é que a preposição locativa *ni* apresenta sua função semelhante a da fase 1 do PM, discutida anteriormente, porém parece ser de uma fase anterior à fase 1, já na fase 1 do PM há variação somente na função e não na forma da preposição, enquanto nos dados do PB a preposição *ni* apresenta variação na forma e na função, sendo evidência de um *input* reduzido da língua portuguesa, juntamente com a presença de uma norma instável, o que é característico de uma variedade pidginizada.

Nos dados coletados da fala em diferentes municípios sergipanos, observamos a predominância da preposição locativa *ni*, em lugar da norma padrão 'em' e suas contrações, conforme os exemplos abaixo:

7. ... sei ki S. foi onti **ni** Aquidabã.
8. Dei um golpe **ni** V.
9. Se tamem mora **ni** kaza dus seus pais?
10. ... trabalhu kum jardinagem, **ni** terenu, nessas koiza.
11. Eu so vivi akilo **ni** minha adolesensia.

Os dados linguísticos coletados estão em fase inicial de quantificação, porém é possível notar certos ambientes que favorecem a ocorrência de tal forma, como: substantivo próprio após o locativo (7) e (8), complemento verbal próximo (9) e (11), e enumeração de elementos (10). Todavia, somente uma quantificação total desses dados poderá dizer com grau maior de certeza as variáveis linguísticas e não linguísticas que acabam por influenciar a ocorrência de *ni*.

Ainda, sobre as variáveis não linguísticas, foi possível verificar a ocorrência maior de *ni* como locativo na fala de mulheres, de idosos e pessoas com baixa escolaridade, ou seja, ensino fundamental incompleto. Estas variáveis não

linguísticas acabam por influenciar na ocorrência do locativo *ni* por motivos sociais: muitas mulheres são proibidas de frequentar escolas, assim como interagir socialmente (sair, viajar, conversar, entre outras); idosos acabavam por encontrar dificuldades e/ou inacessibilidade a escolas, o que ocasionou na evasão escolar; indivíduos com baixa escolaridade tendem a manter somente sua variedade linguística mais rural da língua portuguesa. Porém, os dados revelaram certos traços notáveis em relação às variáveis não linguísticas, já que indivíduos escolarizados e de zonas urbanas apresentaram em suas falas a ocorrência da mesma forma locativa, somente com frequência menor. De acordo com o que Bortoni-Ricardo (2011: 262) afirma em seu estudo, observamos nas falas de zonas rurais sergipanas alguns traços linguísticos que apenas se afastam das variedades estigmatizadas, mas não ocorre necessariamente assimilação da variedade urbana, já que vimos o contrário, por causa do grande fluxo de migração da zona rural sergipana para a zona urbana, foram encontrados, na fala da capital sergipana, traços de variedades linguísticas tipicamente rurais, como o que está sendo estudado no presente trabalho.

Digno de nota, é que encontramos também variação no emprego do locativo dentro do mesmo período, conforme os exemplos abaixo, há a forma *ni*, variando com 'na' e 'em':

12. Em dia atual, eu trabaio aki **na** sidade **ni** varius servisu ku animais.
13. kuandu ovi a notísia pensei **na** mesma ora **ni** você.
14. Paso umas koisa na tv e pensei **ni** ose (...) aí **em** fakudade.

Vimos nos dados uma construção semelhante realizada por um falante escolarizado (ensino fundamental completo) de zona urbana e por outro não escolarizado (ensino fundamental incompleto) de zona rural com a presença de diferentes preposições locativas, sendo o único elemento que diferenciava o falante escolarizado era a realização de *você* ~ *ocê* (15.a), enquanto o não escolarizado emprega *cê* (15.b):

15. a. Pasou umas koisa **na** tv e pensei **ni** ose (...) aí **em** fakuldade.
b. (...) nose (...).

Outro fator que serve como argumento para nossa hipótese de que o emprego variável da preposição tem sua origem em variedades africanas crioulistadas ou pidginizadas do português, localizando-se em um estágio anterior à

fase 1 de aquisição da preposição, conforme já foi dito acima, são os exemplos abaixo, que ilustram outros fenômenos linguísticos ligados à preposição *ni*, como a contração com o interrogativo 'aonde' (16) e (17), a elipse de *num* em *nu* (18), provavelmente por analogia com *ni*, e *nu* substituindo a preposição 'de' (19):

16. Oi, se foi **naondi**?
17. Tava **naondi**, vei?
18. Morava **nu** sítiu... (*nu* < *num* < *em um*)
19. ...aki mesmo na festa **nu** são João.

Estes fenômenos linguísticos que *ni* sofre, ou que estão de alguma maneira ligados ao emprego do *ni*, de acordo com nossa análise, é uma evidência de que este uso variável da preposição locativa já está estabilizado e foi cristalizado na fase anterior à aquisição dessa preposição.

Porém, como os dados estão em fase inicial de quantificação, pouco pode ser afirmado a respeito de possíveis ambientes sintáticos que favorecem ou desfavorecem o emprego de tal variação. Isso faz com que não seja descartada a hipótese de deriva linguística, ou seja, o uso variável do *em* ~ *ni* pode ser um processo de mudança linguística natural do português, que, segundo Castilho (2010: 590), trata-se de uma regularização morfológica na qual as formas amalgamadas *no*, *na*, *num* e *numa* acabam por ter uma forma neutra, que é o *ni*, sendo que todas as formas amalgamadas têm como base de formação a preposição *em* com sua realização nasal [ey^①], de onde surge também surge a forma variável *ni*, segundo o autor. Ainda, há outras variedades do PB que apresentam tal fenômeno de variação, porém estes devem ser investigados separadamente, tanto por possuírem uma provável distribuição diferente, quanto uma formação sócio-histórica distinta do que foi analisado aqui em relação à variedade falada no estado de Sergipe.

4. Considerações finais

Neste trabalho analisamos o uso variável da preposição locativa *ni* no português falado em Sergipe. A coleta de dados seguiu a metodologia laboviana, e os dados linguísticos somam mais de 5 horas de gravação de conversas, entrevistas e narrativas em 10 municípios diferentes do estado, assim como foram divididas

classes sociais mais notáveis, que acabam por intervir nos fenômenos linguísticos, as chamadas variáveis não linguísticas, foram elas: idade, escolaridade e sexo.

A análise efetuada aponta que o uso variável da preposição locativa, juntamente com a forma *ni*, tem sua origem em variedades crioulizadas, ou pidgnizadas, do português no Brasil, tendo estas variedades sua origem última em variedades africanas, que apresentam a influência de línguas bantu como L1, conforme foi demonstrado. Ainda, o uso variável estudado aqui evidencia que esta forma de variação surgiu e se estabilizou há tempos no PB, provavelmente no período inicial da formação do PB, já que os traços linguísticos desse fenômeno estão localizados em um estágio anterior à fase 1 da aquisição da preposição locativa e também estão sujeitos a outros fenômenos linguísticos, como contração, elipse e mudança por analogia.

Todavia, não pretendemos afirmar categoricamente que todos os fenômenos de variação linguística do PB tiveram suas origens devido a uma forma pidgnizada ou crioulizada da língua portuguesa que surgiu no Brasil e desenvolveu-se, dando origem ao atual PB. Seguimos os estudos de Mattos e Silva (2004), que, segundo a autora, para estudarmos a sócio-história do PB devemos ter em mente que ela é extremamente heterogênea. Desta maneira, levantamos a hipótese de que o uso variável do locativo *ni* especificamente em Sergipe teve suas origens em uma variedade crioulizada do português, que posteriormente se descrioulizou e deixou alguns resquícios que podem ser encontrados na fala atual. Ainda, devido ao grande fluxo migratório dos municípios de zonas rurais em direção à capital, Aracaju, certos resquícios, como o estudado neste trabalho, acabaram por serem incorporados à variedade urbanizada.

Finalmente, deve-se ter em mente que a presente análise efetuada aqui não pretende ser generalista, ou seja, o fenômeno linguístico do uso variável da preposição locativa conforme foi estudado neste artigo limita-se a uma análise pontual, no sentido que as considerações finais a que nós chegamos não devem ser estendidas ao PB como um todo, mas apenas à fala sergipana. Enquanto algumas variedades específicas do PB não apresentam tal fenômeno, outras apresentam, porém essas outras variedades do PB que apresentam o uso do *ni* necessitam de estudos específicos a fins comparativos, pois podem apresentar uma distribuição linguística e uma sócio-história distintas daquelas discutidas para Sergipe e a variedade falada neste estado.

Referências bibliográficas

- AGUILERA, V. A.; ISQUERDO, A. N.; ALTINO, F. C. (Orgs.). **Projeto Atlas Linguístico do Brasil:** descrevendo a língua, formando jovens pesquisadores. Londrina: EdUEL, 2009. CDROM.
- ALENCASTRO, L. F. **O trato dos viventes.** Formação do Brasil no Atlântico Sul. Séculos XVI e XVII. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (orgs.). **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- BORTONI-RICARDO S. M. **Do campo para a cidade.** Estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2010.
- CARDOSO, S. A. M. **Atlas lingüístico de Sergipe II.** Rio de Janeiro: 2002. Tese (doutorado) UFRJ.
- FERREIRA, C. et al. **Atlas lingüístico de Sergipe.** Salvador: UFBA/ Aracaju: Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.
- GONÇALVES, P.; CHIMBUTANE, F. O papel das Línguas Bantu na gênese do Português de Moçambique: o comportamento sintáctico de constituintes locativos e direccionais. **Papia**, v.14, p.7-30, 2004.
- HOLM, J. A. The genesis of the Brazilian vernacular: insights from the indigenization of Portuguese in Angola. **Papia**, v.19, p.93-122, 2009.
- LABOV, W. **Sociolinguistics Patterns.** Oxford: Basil Blackwell, 1972.
- LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. **O português afro-brasileiro.** Salvador: EdUFBA, 2009.
- MATTOS E SILVA, R. V. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Ediotiral, 2004.
- NGUNGA, A. **Introdução à Lingüística Bantu.** Maputo: Imprensa Universitária/ Universidade Eduardo Mondlane, 2004.
- OLIVEIRA, M. O Português Brasileiro e as línguas crioulas de base portuguesa. Comunicação apresentado ao **XIV CONGRESSO DA ALFAL.** Monterrey, 2005.
- OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. **Padrões sociolinguísticos:** análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- PETTER, M. Uma hipótese explicativa do contato entre o português e as línguas africanas. **Papia**, v. 18, p. 9-19, 2008.
- PETTER, M. Aspectos morfossintáticos comuns ao português angolano, brasileiro e moçambicano. **Papia**, v.19, p. 201-220, 2009.

Davi Borges de Albuquerque e Aurelie Marie Franco Nascimento _____

ROSSI, N.; FERREIRA, C.; ISENSEE, D. **Atlas prévio dos falares baianos**. Rio de Janeiro: INL, 1963.

Recebido: 30/11/2012

Aceito: 05/05/2013